

O ENSINO DE LÍNGUA INGLESA NA PERSPECTIVA DO LETRAMENTO DIGITAL CRÍTICO

Elaine Vasquez Ferreira de Araújoⁱ

Márcio Luiz Corrêa Vilaçaⁱⁱ

Resumo:

É inegável a popularização das tecnologias digitais e das redes sociais digitais hoje na sociedade. Tais artefatos vêm potencializando a leitura do mundo e possibilitando a democratização do conhecimento de uma forma nunca antes vivenciada. Diante disso, muitos estudos, como os dos novos letramentos, têm emergido para atender às demandas sociais. Em um mundo marcado por diversidades culturais, sociais e linguísticas, é interessante que o ensino de Língua Inglesa seja pautado nos estudos do letramento digital crítico, levando em consideração o desenvolvimento de uma postura crítica frente a comunicação digital, atitudes mais éticas em relação a diferentes saberes e o diálogo entre as culturas. Desta forma, é importante que a aprendizagem da Língua Inglesa ultrapasse os fins utilitários e linguísticos e apresente também objetivos sociais, culturais e educacionais. Reconhecendo a relevância de discussões neste sentido, o objetivo principal deste trabalho é discutir o ensino de Língua Inglesa pela perspectiva do letramento digital crítico.

Palavras-chave: Língua Inglesa, Letramento Digital, Letramento Crítico

ENGLISH TEACHING THROUGH THE PERSPECTIVE OF CRITICAL DIGITAL LITERACY

Abstract:

The popularization of digital technologies and digital social networks in society today is undeniable. Such artifacts have been potentializing the reading of the

world and enabling the democratization of knowledge in a way never before experienced. Faced with this, many studies, such as those of the new literacies, have emerged to meet social demands. In a world marked by cultural, social and linguistic diversities, it is interesting that English Language teaching is based on studies of critical digital literacy, taking into account the development of a critical attitude towards digital communication, more ethical attitudes towards different knowledge and dialogue between cultures. In this way, it is important that the learning of the English Language overtake the utilitarian and linguistic purpose and also presents social, cultural and educational objectives. Recognizing the relevance of discussions in this sense, the main objective of this work is to discuss the teaching of English Language through the perspective of critical digital literacy.

Key Words: English Teaching, Digital Literacy, Critical Literacy

1. Introdução

Muitos estudos do campo linguístico e de outras variadas áreas do conhecimento discutem que a escola deve contribuir para o desenvolvimento do letramento do seu aluno. Se a alfabetização é preocupação das séries iniciais das escolas regulares, a noção de letramento intrinsecamente relacionada às práticas sociais envolvendo processos de leitura e escrita é preocupação mais direta das demais séries escolares. Afinal, argumenta-se que ser letrado é mais do que reconhecer apenas o código linguístico, é estar apto para participar de uma multiplicidade de leituras em um mundo complexo, globalizado e conectado.

Na era digital, a complexidade e a dinâmica da comunicação que ocorre na rede proporcionam a auto expressão, novas configurações nas relações de poder e novas formas de aprender. Nunca se escreveu ou se leu tanto por meio das tecnologias como se tem feito nos dias de hoje, seja por meio de redes sociais, *sites* de notícias, fóruns de discussão, *chats*, *blogs* ou até mensagens instantâneas de textos, como *Whatsapp* ou *Messenger*.

Com o advento das tecnologias digitais, nossas formas de se comunicar e de nos relacionarmos uns com os outros mudaram definitivamente. A verdade é que ler e escrever é tão necessário no meio digital quanto no papel. Como consequência, a escola na atualidade também é responsável por promover o desenvolvimento do letramento de seus educandos, a fim de formar cidadãos plenos para atuarem no mundo.

Quando pensamos no ensino de uma outra língua, como a língua inglesa por exemplo, é preciso pensar criticamente e refletir sobre a língua no contexto globalizado dos dias atuais, saindo do senso comum e desenvolvendo uma perspectiva ou postura crítica em relação ao que se lê.

Tomando isso como pano de fundo e com base nos estudos do letramento digital e do letramento crítico, este trabalho apresenta argumentos a favor do ensino de Língua Inglesa na perspectiva do letramento digital crítico. Porém, vale ressaltar que o objetivo deste artigo não é o de elaborar uma nova proposta de ensino de inglês, mas apenas delinear uma discussão teórica sobre a importância da questão do letramento digital crítico em tal proposta.

Na primeira parte do estudo é apresentado o referencial teórico que sustentou as reflexões realizadas ao longo do trabalho, como o uso das tecnologias digitais da informação e comunicação (TDICs) no ensino de Língua Inglesa. A segunda parte do artigo aborda uma discussão sobre os conceitos de letramento digital e letramento crítico. Em seguida, é discutido como o desenvolvimento do letramento digital crítico de professores e alunos pode contribuir para o ensino e aprendizagem de Língua Inglesa.

2. As Tecnologias Digitais e o Ensino de Língua Inglesa

Vivemos em uma sociedade reconhecidamente cada vez mais conectada e globalizada. É indiscutível que o advento das novas tecnologias digitais influenciou e permanece influenciando o modo como nos comunicamos e nos relacionamos. Ao pensar no ensino de Língua Inglesa, é essencial reconhecer a sua importância nos dias atuais e discutir o papel ou os reflexos das tecnologias nas salas de aula.

No espaço escolar, constata-se, ao longo do tempo, as inúmeras tecnologias implementadas. A escrita, por exemplo, que por si só é uma tecnologia, passou por várias formas de transmissão e de representação. O papiro, o pergaminho, o papel, o livro, o quadro de giz, o projetor, o rádio, a televisão, o gravador, o vídeo cassete, a filmadora, o DVD, o computador e, mais recentemente, a Internet, a lousa digital e o celular são exemplos de tecnologias que foram incorporadas como instrumentos pedagógicos no ambiente educacional. De acordo com Vilaça (2012), na atualidade há inúmeras tecnologias digitais que não foram confeccionadas como ferramentas educacionais, mas foram adotadas ou adaptadas para ações pedagógicas, como por exemplo os

Blogs, fóruns online, chats, entre outros, não foram desenvolvidos para fins educacionais. No entanto, hoje eles são bastante empregados na educação, especialmente os blogs. Orkut, YouTube, Twitter e Facebook também não foram criados como ferramentas educacionais, mas podem e são empregados para isso. (VILAÇA, 2012, p. 1205)

Pensando nas salas de aula do ensino de Língua Inglesa e nos recursos tecnológicos utilizados nas últimas décadas, destacam-se o livro didático, os aparelhos de áudio e vídeo e, mais recentemente, o uso do computador (COSTA, 2017).

Dentre as tecnologias integradas às práticas pedagógicas do ensino de inglês, o livro didático é o recurso mais utilizado em sala de aula (VILAÇA, 2012). No entanto, é muito comum que professores usem o livro didático quase que de forma exclusiva, servindo de base para todas as atividades realizadas em sala de aula, para a definição dos conteúdos e dos recursos usados, para a padronização das aulas, entre outros, sem pensar muito no seu contexto de ensino ou nas necessidades de seus alunos (SILVA, 2015).

Partindo do ponto que o livro didático é um dos materiais mais comuns e de mais fácil acesso nas salas de aula, é imprescindível que os professores de Língua Inglesa estejam preparados para usar este recurso didático de forma crítica, o avaliando e o adaptando a cada situação de ensino. O livro didático não

pode desempenhar o papel do único recurso em sala de aula, mas ser um suporte tanto para alunos como para professores.

Na década passada, Manuel Castells já apontava que a relação Internet e aprendizagem exigia um novo tipo de educação. Pensando em uma sociedade e economia baseados nas interações digitais, o autor enfatiza em seus estudos que não basta uma competência tecnológica, mas o desenvolvimento da capacidade de aprendizado por meio das tecnologias. Sendo assim, não basta saber usar o mouse ou o teclado, é preciso saber o que buscar, como buscar e como usar os meios digitais.

Em outras palavras, o autor defende uma nova pedagogia baseada na interatividade, na autonomia e na capacidade intelectual de aprender a aprender (CASTELLS, 2003). Semelhantemente Belloni (2012, p. 51) declara que “dessa interação entre as crianças e as interfaces digitais surgem novas formas de perceber e apreender as informações visuais, sonoras, semânticas, de interpretá-las, classificá-las e utilizá-las em outras situações, ou seja, novos modos de aprender.”

Lemos (2013) caracteriza a cibercultura como uma sociedade estruturada por meio das relações com as tecnologias digitais. O potencial comunicativo que temos hoje proporciona a troca de informações e conexões de diversas formas. Santaella (2013, p. 33) também ressalta que “a história, a economia, a política, a cultura, a percepção, a memória, a identidade e a experiência estão todas elas hoje mediadas pelas tecnologias digitais”. Ao pensar em sala de aula e no ensino de Língua Inglesa, um grande exemplo desta conectividade é a facilidade e a rapidez que na qual buscamos um texto na Internet, seja ele de qualquer idioma ou nacionalidade. Segundo Lemos (2013), é muito comum ao buscarmos referências na Internet, passarmos de servidor em servidor sem nem ao menos notar onde começa ou termina nosso processo de busca.

De acordo com Belloni (2012), o número de brasileiros que se apropriam das TDICs para realizar atividades cotidianas é crescente. Desta forma, a relação com as mídias digitais passa a fazer parte do dia a dia de boa parte da população. Encontramos na rede mundial não apenas novos usos de linguagem, mas também novas formas de interação. É comum, nos dias de hoje, encontrar

diversos materiais didáticos de línguas estrangeiras *on-line* e até mesmo cursos de idiomas totalmente a distância, apenas para ilustrar alguns exemplos.

Diante destas questões, é pertinente refletir até que ponto o ensino de Língua Inglesa nas escolas está em consonância com os desafios de uma sociedade em constante transformação e profundamente marcada pela tecnologia. Neste cenário, Fantin (2012), pensando na educação de forma mais ampla, alerta que é necessário não pensar apenas na escola, mas na sua realidade e suas necessidades. É importante problematizar e estabelecer diálogo entre o currículo escolar e as formações inicial e continuada do professor.

A formação de professores preparados para empregar da melhor maneira as tecnologias disponíveis e as escolas suficientemente equipadas e conectadas à Internet ainda são grandes desafios. Entende-se que a escola não pode se desviar destes avanços tecnológicos que já fazem parte do nosso cotidiano. Logo, professores qualificados para este fim e escolas bem estruturadas são fundamentais para a educação e formação de cidadãos melhores preparados para o mundo contemporâneo.

Cabe esclarecer que isso não significa que os professores devam ser *expert* em mídias digitais e em todos os seus recursos, mas que devem ser familiarizados em utilizar as tecnologias de forma pedagógica. Desta forma, os professores devem, preferencialmente, ser formados para esta realidade que se apresenta de maneira crítica e reflexiva. Esta formação não deve ser apenas para “usar” a tecnologia, mas para compreender as diferentes dimensões envolvidas, que incluem, mas não se limitam à capacitação para o emprego de dispositivos, aplicativos ou ambientes. Ressaltamos então, que ter equipamentos e redes disponíveis são apenas partes de um amplo e complexo campo de competências e habilidades a serem desenvolvidas.

Cabe reconhecer e assinalar aqui que “o fato de usar a informática nas aulas não transforma instantaneamente o ensino em alguma coisa ‘moderna’ e ‘eficiente’” (COSCARELLI, 2011, p. 26). Para que os alunos se familiarizem com os recursos disponíveis no meio digital e compreendam como estes recursos podem auxiliar na sua aprendizagem e como influenciam diferentes práticas sociais, é fundamental que os alunos aprendam a usar a “informática” e não

apenas tenham aulas de informática como uma disciplina independente ou competência isolada, sem a relacionar com as demais disciplinas escolares. A parceria entre a aula de Informática e a aula de Língua Inglesa, por exemplo, pode reconhecidamente ser muito vantajosa para a aprendizagem dos estudantes. Afinal, é evidente que o acesso a diferentes *sites* em inglês, vídeos, músicas, jornais, revistas e outros pode colaborar e muito para o ensino da língua estrangeira.

No ensino de leitura, por exemplo, ao considerarmos as inúmeras linguagens e semioses que podem conter um texto que circula nos meios digitais, o ensino de Língua Inglesa não deve ficar preso apenas ao ensino da linguagem escrita como única e principal meio de comunicação. Visto que grande parte dos textos são multimodais, os estudos envolvendo a comunicação não verbal podem contribuir consideravelmente para a compreensão dos textos que nos cercam.

(...) O ensino de inglês passa a assumir também uma nova identidade pela necessidade de desenvolver não só competência do aluno para o uso desse idioma em seu ambiente social, acadêmico e pessoal, mas também de prepará-lo para os desafios da era virtual do ciberespaço que inclui textos multimodais, impressos e digitais, interconectividade com as diversidades locais e globais e sua capacidade para refletir e agir para transformar (...) (DIAS, 2015, p. 307).

Temos que ter sempre em mente que a leitura e a escrita nos meios digitais requerem, de certa forma, competências e estratégias linguísticas diferentes daquele que apenas lê e escreve em folhas de papel. Entretanto, convém destacar que ainda encontramos em suporte e meios digitais, muitos textos escritos e produzidos com a mesma dinâmica encontrada em textos analógicos impressos. Como por exemplo, a maioria dos e-books vendidos hoje ainda segue lógicas, estruturas e dinâmicas dos livros impressos.

Na Internet encontramos diferentes gêneros textuais, múltiplos modos semióticos, diferentes situações de produção de discursos e diferentes ferramentas de leitura e escrita. Além da velocidade, da interatividade e do dinamismo presente na rede, vale destacar que, assim como já apontado, os textos deixam de ser predominantemente formados pela linguagem escrita para

passar a expressar sentido em uma combinação de palavras, sons, imagens, vídeos, layout, *design* etc.

Além disso, o ler e o escrever no meio digital exigem reflexões sobre as relações multiculturais, o valorizado e o não valorizado, o local e o global. Com isto, não basta apenas saber ler e escrever para navegar, buscar e encontrar o que se deseja na Internet. A Internet amplia nossas formas de pensar e nossas formas de articular conhecimentos.

Na atualidade, não é difícil encontrar trabalhos acadêmicos e diversas pesquisas e estudos sobre a adequação de serviços da *Web* para a sala de aula de Língua Inglesa, como os *blogs*, os fóruns, as *wikis*, as *fanfics*, os *chats* e até sobre o uso das redes sociais, como *Twitter* e *Facebook*.

É interessante que o professor de inglês, pensando em tempos digitais e na globalização, desenvolva com os seus alunos certas estratégias de leitura, ou seja, os alunos devem conhecer mecanismos de leitura em diversos ambientes. Ler textos na Internet exige uma boa navegação e que o leitor saiba construir sentido nos recursos multimodais. Mesmo o aluno que já possui uma boa proficiência na língua inglesa pode sentir dificuldades ao lidar com textos de esferas de comunicação diferentes da sua vivência, levando em consideração que em cada esfera circulam gêneros textuais específicos, algumas habilidades podem ser requeridas. Logo, ao trabalhar em sala de aula a língua inglesa presente em hipertextos digitais, *banners*, filmes, fotografias, animações, músicas, etc. a prática do idioma pode ampliar a relação dos alunos com o aprendizado da leitura e da escrita.

A leitura deve fazer parte do dia a dia dos alunos. O desafio pedagógico inclui trabalhar textos de variados gêneros na modalidade oral e escrita em sala de aula. E a Internet pode ser uma ótima aliada no acesso a textos de diversas esferas e diversos gêneros. É comum ouvir que os jovens não costumam fazer leituras da literatura sofisticada, mas é bem verdade que há muitos jovens que executam tarefas cada vez mais multifacetadas envolvendo textos e dispositivos digitais.

Precisamos entender como a linguagem mediada pelo meio digital funciona, como explorar pontos fortes e como evitar os perigos, e é nesse aspecto que a Linguística da Internet, ora em desenvolvimento, pode ter uma contribuição significativa. Os perigos incluem ser 'ambíguo', 'mal-intencionado' ou 'ofensivo' (...) Vemos com frequência na imprensa reportagens sobre pessoas que se metem em confusão porque não souberam entender a natureza da internet e escrevem coisas em correios eletrônicos e nas redes sociais que podem potencialmente prejudicar outros; essas postagens depois alcançam um público que não havia sido alvo. 'Online só escreva aquilo que você pode defender no tribunal.'" (SHEPHERD; SALIÉS, 2013, P. 29)

Diante destes argumentos, uma pergunta é inevitável: a escola está preparando os seus estudantes para participar da comunicação digital de forma competente e crítica? A escola pode contribuir e muito no desenvolvimento do letramento de seus estudantes. Entra em cena então as discussões a respeito do letramento digital e letramento crítico, apresentadas na próxima seção.

3. O Letramento Digital Crítico

Ao levar em consideração o caráter polissêmico do termo *letramento*, é imprescindível destacar aqui a qual "letramento" este trabalho se refere. Ao falar de letramento digital crítico, este artigo faz referência ao significado do letramento digital acrescido das discussões feitas nos termos do letramento crítico. Desta forma, na fusão dos conhecimentos do letramento digital e letramento crítico encontra-se forma para descrever as necessidades e exigências de hoje para a participação de forma plena nas práticas sociais mediadas pela Internet.

As discussões sobre o letramento crítico surgiram na segunda metade do século XX a fim de conscientizar os indivíduos do seu papel na sociedade. Entretanto, a definição deste letramento é bastante ampla e não consiste em uma única abordagem. Segundo Luke e Freebody (1997), o letramento crítico

leva em consideração uma série de princípios da educação que visam o desenvolvimento das práticas do discurso e de construção de sentidos. Inclui também uma consciência de como, para que e porque, e ainda para

quem, e de quem é o interesse que os textos podem funcionar em particular. Ensiná-lo é encorajar o desenvolvimento das posições e práticas leitoras alternativas para que ocorram os questionamentos e as críticas as suas funções sociais. E, ainda mais, pressupõem o desenvolvimento de estratégias para que se possa falar sobre, reescrever e contestar os textos da vida cotidiana (LUKE; FREEBODY, 1997, p. 218).

Similarmente para Mclaughlin e Devoogd (2004) o letramento crítico “considera os leitores como participantes ativos do processo de leitura e os convida a ir além da aceitação passiva da mensagem do texto para questionar, examinar ou contestar as relações de poder que existem entre leitores e autor” (MCLAUGHLIN; DEVOOG, 2004, p. 15). De acordo com os autores, a relação entre linguagem e poder é primordial para o desenvolvimento do letramento crítico.

Entende-se que a linguagem tem um papel crucial na formação crítica do aluno, afinal, é por meio da linguagem que temos acesso a textos, que analisamos, interpretamos e construímos sentidos. Por todas estas questões, a língua estrangeira é um ótimo espaço para que o aluno repense suas crenças e valores, questione suas construções sociais e culturais formadas em sua língua materna e promova a ruptura de preconceitos e estereótipos. Ao compreender que não há verdades absolutas, o aluno aprende a enxergar o mundo por outra perspectiva, analisando, interpretando e ampliando suas possibilidades de aprendizagem.

Segundo Janks (2012), ao ler um texto com criticidade, buscamos reconhecer no texto os pontos de vista ou até mesmo os interesses do autor, levando em consideração o seu contexto social de produção. O objetivo do autor de um texto não necessariamente irá coincidir com os objetivos dos seus leitores, considerando que eles estão situados em contextos sociais e culturais diferentes. Ler com criticidade, aqui, portanto, significa entender que as nossas leituras e nossa construção de saberes e sentidos nunca são naturais, porém estão condicionadas pelo contexto social, histórico e cultural em que estamos inseridos. Sendo assim, nosso entendimento de um determinado texto pode ser diferente da interpretação de uma outra pessoa situada em um outro contexto, com outras leituras anteriores e outras experiências de vida.

O letramento crítico chama a atenção para a nossa “cegueira”, isto é, para a limitação das nossas interpretações de mundo, sem considerar múltiplas perspectivas e sem valorizar outros saberes e modos de vida (ANDREOTTI, 2014). Neste sentido, não se deve esquecer de que os textos sempre possuem determinados interesses, que muitas vezes não se evidenciam na sua superfície claramente, isto é, todos os textos expressam um determinado ponto de vista, têm objetivos, implicam em ideologias, interesses... É importante compreender por que o autor escreveu sobre uma determinada visão de mundo e excluiu outra, por que privilegiou determinadas vozes e abordou um tema específico a partir de uma perspectiva escolhida e descartou falar por outro viés (MCLAUGHLIN; DEVOOGD, 2004).

Logo, pensando na circulação de textos no meio digital, por exemplo, é comum que o poder e a ideologia dominante circulem com propósitos discursivos naquele meio social. Desta forma, é primordial que o aluno assuma um papel mais ativo nas leituras destes textos, se conscientizando acerca das ideias expressadas neles, indo além do significado literal. Na perspectiva do Letramento Crítico, não há apenas uma forma de usar a língua, mas sim múltiplas formas em práticas diversas que são sociocultural e historicamente determinadas.

Conforme aponta Rivoltella (2012), há diversas novas formas textuais que podem ser adotadas no ambiente educacional, principalmente envolvendo hipertextos e estruturas multimidiáticas. No entanto, não se deve esquecer de que estas “novas” textualidades, “novos” gêneros textuais e “novos” ambientes de comunicação demandam reflexões e conhecimentos sobre como desempenhamos atividades discursivas nos ambientes digitais. Os estudos atuais do letramento digital são em sua maioria interdisciplinares. De modo geral, o desenvolvimento do letramento digital abrange a habilidade de ler e escrever no contexto digital, saber como interagir de forma adequada nos inúmeros canais de comunicação digital e participar de práticas sociais digitais envolvendo as diversas formas de produção de texto e circulação de discursos (ARAÚJO; VILAÇA, 2017). De acordo com Xavier (2011, p. 6), “o grau de letramento digital

do sujeito cresce à medida que aumenta o domínio dos dispositivos tecnológicos que ele emprega em suas ações cotidianas”.

A proposta do letramento digital crítico encontra-se na relação da construção do sentido do texto, levando em conta as especificidades do contexto digital, e não apenas na tarefa de codificação/decodificação de textos que circulam na rede mundial. Ler uma *bula de remédio* é diferente de ler uma *história em quadrinhos*, assim como ler um texto de um *blog* é diferente de ler um *artigo acadêmico*. Afinal, “Diferentes práticas sociais envolvem diferentes formas de leitura. O mesmo texto pode ser lido de diferentes maneiras com propósitos distintos: entretenimento, meditação, reflexão, para fazer um trabalho escolar” (SILVA, 2015, p. 214). Deve-se sempre ter em mente que nenhum texto é neutro, mas sim uma construção discursiva situada em um contexto sócio histórico específico.

A dinâmica e a complexidade da comunicação na era digital proporcionam novas formas de aprender e novas configurações nas relações de poder, desta forma, assumir uma postura crítica em relação ao que se lê e refletir sobre a importância da Língua Inglesa no contexto globalizado da atualidade são fundamentais para o ensino de Língua Inglesa na perspectiva do letramento digital crítico, que será melhor discutido na próxima seção.

4. Um elo entre o Letramento Digital Crítico e o ensino de Inglês

É interessante ressaltar que nunca se falou tanto em valores éticos no meio digital como tem se falado atualmente. Portanto, é oportuno refletir até que ponto estamos condicionados ao nosso contexto, à nossa comunidade e seu modo de pensar. Ao desenvolver uma postura crítica, estamos nos distanciando dos nossos pensamentos já enraizados e dos nossos valores tradicionais. Logo, pensar criticamente significa não legitimar apenas o que já temos como verdade, mas considerar diferentes posicionamentos sociais, políticos e culturais.

O ensino de língua pela perspectiva do letramento crítico objetiva conscientizar o aluno de que as suas crenças, suas convicções e suas maneiras de ler o mundo foram construídas a partir do seu contexto e da sua convivência.

O pensamento crítico tende a levar o aluno para além do senso comum, lhe fornecendo meios que propiciem a formação de cidadãos críticos, capazes de estabelecer relações entre língua, cidadania, cultura e práticas sociais. Para Souza (2011), o ensino pelo viés do letramento crítico deve

levar o aluno a repensar o que é natural para ele e refletir sobre isso. Perceber como aquilo que é natural para ele pode conter preconceitos que podem afetar o outro, gerar preconceito contra pessoas diferentes. E portanto levar o aluno, o aprendiz, a reformular seu saber ingênuo. Então letramento crítico é ir além do senso comum, fazer o aluno refletir sobre aquilo que ele pensa que é natural e verdadeiro. Levar o aluno a refletir sobre a história, sobre o contexto de seus saberes, seu senso comum. Levar o aluno a perceber que para alguém que vive em outro contexto a verdade pode ser diferente. (SOUZA, 2011, p. 293).

Na linha de pensamento posta por Souza (2011), acima, uma verdade é uma interpretação de um determinado contexto sócio histórico, logo, a ética deve se basear na ideia de que a verdade pode ser diferente para quem vive em contextos diferentes. Portanto, quando estamos cientes destas diferentes interpretações e verdades provenientes de diversos contextos e quando estamos aptos a ouvir e compreender o outro e sua verdade, estamos sendo éticos.

Nos estudos de letramento crítico, a interação entre línguas e culturas é considerada extremamente proveitosa. Ao traduzir um texto na aula de inglês, por exemplo, de acordo com Jullien (2010), há um diálogo entre as culturas, porém os valores culturais são inegociáveis. Sendo assim, é preciso cautela ao traduzir um texto para não trazer, mesmo que inconscientemente, nossos próprios valores e ideologias. Deve-se fazer um exame crítico da nossa postura enquanto tradutor e ter cuidado para não ignorar tudo aquilo que é diferente do que acreditamos, diferente do nosso ponto de vista e da nossa visão de mundo. Partindo sempre do ponto de que nosso conhecimento não é universal, ao ler um texto é essencial reconhecer a existência de outros valores, na maioria das vezes diferente dos nossos.

Cabe acrescentar também as contribuições de Tagata (2017), que defende que o ensino de Língua Inglesa pela perspectiva do letramento crítico pode contribuir para uma ampliação das maneiras do aluno compreender o mundo,

desenvolvendo uma postura ética perante o outro e preservando sua integridade cultural. Nessa perspectiva, ainda segundo o autor, o estudo pautado na proposta do letramento crítico pode levar professores e alunos a uma reflexão crítica sobre como as leituras, de modo geral, são influenciadas por determinados estereótipos. Estereótipos estes que, por muitas vezes, nos impedem de compreender interpretações diferentes a respeito dos costumes e tradições de outros países, por exemplo. Por fim, concordamos com Tagata (2017) quando afirma que é preciso uma postura mais ética diante do estrangeiro, sem reduzi-lo ou encaixá-lo em um diferente contexto. Afinal, ao sair da nossa zona de conforto e ao abandonar nossas velhas referências linguísticas e culturais, é possível observar mais claramente as singularidades de outras línguas e culturas.

E qual o papel do professor no ensino pela perspectiva do letramento digital crítico?

Segundo Pallu (2016), o professor de Língua Inglesa deve desenvolver conhecimentos didático-pedagógicos para atuar efetivamente no meio digital durante a sua formação acadêmica. Desta forma, a autora defende que a formação inicial do professor de línguas deve contemplar o desenvolvimento de um conjunto de competências necessário para este profissional usar as tecnologias de forma multifacetada. Devido a imensa quantidade de situações de uso de inglês na Internet, o letramento digital é imprescindível na formação do professor de Língua Inglesa.

Logo, a simples presença da tecnologia na sala de aula e a conexão com a Internet não garantem uma maior significação na aprendizagem de inglês. Tampouco o ensino de inglês deve estar pautado em apenas aulas de vocabulário e gramática. O aluno deve ser preparado para participar de uma multiplicidade de leituras em um mundo complexo, globalizado e conectado.

Nesses termos, no lugar de se extrair do texto informações solicitadas pelo professor, por exemplo, o aluno deve compreender a configuração do texto, sua intencionalidade e seu sentido. “Não basta apenas ensinar a ler, escrever, ouvir e falar, nem submeter os alunos a respostas prontas sem oportunidade de delas divergir e tampouco enfocar uma aprendizagem no vácuo sem relação com as

diversidades sempre presentes nas situações reais de uso da linguagem” (DIAS, 2015, p. 313).

Na vida cotidiana, quando leem e escrevem, as pessoas têm propósitos e trazem para os textos seus valores, suas crenças e os significados que constroem em suas práticas sociais. Em outras palavras, nas esferas sociais as pessoas não leem por ler, nem escrevem por escrever. Por essa razão, é importante que os professores se conscientizem acerca do significado dos gêneros e dos letramentos como prática social, para compreenderem as dificuldades que seus estudantes enfrentam quando leem e escrevem textos apartados das práticas sociais e os engendram, apenas para realizarem as tarefas escolares. (SILVA, 2015, P. 209)

Concordamos com Silva (2015) quando alerta que o professor deve ter cautela para não moldar ou direcionar o entendimento dos seus estudantes em relação as suas leituras. Para isso, o professor pode auxiliar o aluno a buscar outras leituras que possam ser confrontadas com sua atividade e refletir sobre as implicações daquele texto em seu contexto (JORDÃO, 2015).

Em uma aula de inglês, por exemplo, é possível que haja alunos com diferentes expectativas e necessidades comunicativas. Um aluno interessado em fazer uma prova de proficiência, por exemplo, tem propósitos comunicativos distintos de um outro aluno que tem necessidades comunicativas de uso da língua para trabalhar diretamente com turismo ou em contato com estrangeiros. Neste panorama, é pertinente que o professor esteja atento às diferentes expectativas de cada um desses alunos. Logo, o planejamento das aulas precisa ser norteado pelos contextos, pelas práticas sociais e situações de uso da língua inglesa por parte dos alunos. É fundamental não contribuir para a reprodução dos estereótipos que o aluno de Língua Inglesa não conhece o idioma ou que não usará o inglês para nada.

Em função do exposto, é interessante que o professor de Língua Inglesa identifique as necessidades comunicativas de seus alunos para que possa selecionar textos apropriados e que façam sentido em sua sala de aula. Atividades cotidianas utilizando a língua inglesa, como o vocabulário que pode ser usado em um aeroporto, pedir informação sobre um endereço ou comprar um tíquete de trem são interessantes para estudantes que visam visitar um outro

país, por exemplo. Atividades que envolvam letras de música e leituras de jornais ou outras informações em inglês podem ser atividades interessantes para estudantes que visam fazer exames de proficiência no idioma. “Observar a diversidade das práticas de letramento cotidianas provê conhecimento que pode auxiliar os estudantes a enxergarem as suas próprias práticas como relevantes para alcançarem seus objetivos de vida” (SILVA, 2015, p. 210). Como consequência, os contextos e as experiências de vida dos alunos possuem um papel central no planejamento pedagógico e precisam ser sondados para a organização de tarefas.

Ao ensinar inglês pela perspectiva do letramento digital crítico, o aluno estará mais bem preparado para lidar com textos que circulam em diferentes canais de comunicação, em construir sentido em textos multimodais e hipermediáticos, em adequar a sua linguagem observando o ambiente de produção e estará preocupado em avaliar suas fontes de informação, assim como em produzir e disseminar informações na Internet. Assim sendo, nessa perspectiva, o ensino de Língua Inglesa deixa de ter apenas aspectos mercadológicos, ou seja, deixa de abordar apenas aspectos linguísticos, instrumentais e comunicacionais, passando então a estar mais em consonância com um mundo globalizado e digital.

5. Considerações finais

A proposta principal deste artigo foi discutir como a articulação entre letramento digital crítico e o ensino de Língua Inglesa podem contribuir para uma aprendizagem que ultrapasse os fins utilitários e linguísticos e apresente também objetivos sociais, culturais e educacionais. Este trabalho também proporcionou uma compreensão geral dos conceitos de letramento digital e letramento crítico, pois ao agregar os estudos referentes a essas duas áreas, acredita-se que seja possível proporcionar subsídios necessários para uma pessoa se tornar realmente ativa na Internet.

É relevante destacar aqui que, apesar deste trabalho focar os textos que circulam no meio digital, boa parte das discussões realizadas neste artigo também se estende aos textos impressos.

Partindo do ponto que a Linguística Aplicada busca dar conta da complexidade linguística do mundo atual, espera-se que este trabalho possa contribuir para a discussão deste tema em estudos desta área.

Defende-se neste trabalho que o ensino de Língua Inglesa não deve ser baseado apenas no livro didático ou no ensino de gramática, pois desta forma poderá compreender atividades descontextualizadas e distantes da realidade do aluno. Por outro lado, o ensino de inglês deve oportunizar o desenvolvimento da competência linguística e do letramento crítico do aluno, inclusive para a leitura e escrita no meio digital. É essencial que a escola possa superar os desafios do letramento, colaborando para o desenvolvimento dos seus estudantes, tanto na leitura, como na interpretação e na escrita. Desta forma, a escola pode contribuir para que seus alunos possam expressar melhor suas ideias e se posicionarem nas mais diversas situações cotidianas.

O ensino de Língua Inglesa pela perspectiva do letramento digital crítico deve promover a contextualização dos saberes e práticas culturais, além da preservação das diversidades social, cultural, linguística. Sendo assim, além de propiciar o contato com outra língua, o ensino de inglês possibilita o contato com o outro, com outra cultura e com outros costumes. Afinal, os estudos do letramento crítico mostram que o ensino de uma língua não deve ser apenas meio de comunicação ou de expressão.

Neste contexto, é pertinente pensar o ensino de Língua Inglesa de forma que faça sentido tanto para o professor quanto para o aluno. O ensinar e o aprender devem ultrapassar os fins utilitários, ou seja, aprender inglês deve significar mais que passar em exames, conquistar bons empregos ou ser instrumento de comunicação. Além destas questões, é crucial que o ensino de Língua Inglesa também apresente objetivos educacionais, sociais e culturais. Terminamos então este estudo com a seguinte reflexão: os cursos de Letras contemplam em seus currículos o desenvolvimento de uma prática pedagógica

crítica e significativa, contribuindo assim para as esferas do letramento crítico e letramento digital dos professores de Língua Inglesa em formação?

6. Referências bibliográficas

ANDREOTTI, V. O. Critical and transnational literacies in international development and global citizenship education. *Sisyphus – Journal of Education*, Lisboa, v. 2, n. 3, p. 32-50, 2014.

ARAUJO, E. V. F.; VILAÇA, M. L. C. Educação na Cibercultura: Letramento Digital e Letramentos Múltiplos. In: VILAÇA, M. L. C; ARAUJO, E. V. F (Orgs.) *Cultura Digital, Educação, Linguagem e Tecnologia*. Duque de Caxias, RJ: UNIGRANRIO, 2017.

BELLONI, M. L. Mídia-Educação: Contextos, Histórias e Interrogações. In: FANTIN, M.; RIVOLTELLA, P. C. *Cultura digital e escola: Pesquisa e formação de professores*. Campinas: Papirus Editora, 2012.

CASTELLS, M. *A galáxia da Internet: reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

COSCARELLI, C. V. Alfabetização e Letramento Digital. In: COSCARELLI, C. V.; RIVEIRO A. E. *Letramento Digital – aspectos sociais e possibilidades pedagógicas*. Belo Horizonte: Autentica, 2011.

COSTA, D. M. Tecnologias como Instrumentos de Transformação: considerações sobre as (Novas) Tecnologias e o Ensino de Línguas Estrangeiras. In: VILAÇA, M. L. C; ARAUJO, E. V. F (Orgs.) *Cultura Digital, Educação, Linguagem e Tecnologia*. Duque de Caxias, RJ: UNIGRANRIO, 2017.

DIAS, R. Multimodalidade e Multiletramento: novas identidades para os textos, novas formas de ensinar inglês. In: SILVA, K. A; ARAÚJO, J. (Orgs.)

Letramentos, Discursos midiáticos e Identidades: novas perspectivas. Campinas, SP: Pontes Editores, 2015.

FANTIN, M. Mídia-Educação no Currículo e na Formação Inicial de Professores. In: FANTIN, M.; RIVOLTELLA, P. C. Cultura digital e escola: Pesquisa e formação de professores. Campinas: Papyrus Editora, 2012.

JANKS, H. The importance of critical literacy. English Teaching: Practice and Critique, Waikato, v. 11, n. 1, 2012. p. 150-163.

JORDÃO, C. M. Identidades e Letramentos em Discursos. In: SILVA, K. A; ARAÚJO, J. (Orgs.) Letramentos, Discursos midiáticos e Identidades: novas perspectivas. Campinas, SP: Pontes Editores, 2015.

JULLIEN, F. O diálogo entre as culturas: do universal ao multiculturalismo. Tradução André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010.

LEMOS, A. Cibercultura – Tecnologia e Vida Social na Cultura Contemporânea. Porto Alegre: Sulina, 2013.

LUKE, A.; FREEBODY, P. Critical literacy and the question of normativity: an introduction. In: MUSPRATT, S., LUKE, A.; FREEBODY, P. (Eds.). Constructing critical literacy: teaching and learning textual practice. New Jersey: Hampton Press, 1997.

MCLAUGHLIN, M.; DEVOOGD, G. L. Critical literacy: engaging students' comprehension of text. New York: Scholastic Inc., 2004.

PALLU, N. M. Um elo entre letramento crítico digital e o ensino de inglês para a formação de leitores. Revista Digital do Programa de Pós-Graduação em Letras da PUCRS. Porto Alegre, v. 9, n. 2, p. 355-369, jul.-dez. 2016.

RIVOLTELLA, P. C. Retrospectivas e Tendências da Pesquisa em Mídia-Educação no Contexto Internacional. In: FANTIN, M.; RIVOLTELLA, P. C. Cultura digital e escola: Pesquisa e formação de professores. Campinas: Papyrus Editora, 2012.

SANTAELLA, L. Intersubjetividade nas redes digitais: repercussão na educação. In. PRIMO, A. (org.) Interações em Rede. Porto Alegre: Sulina, 2013, p. 33-47.

SHEPHERD, T. G; SALIÉS, T. G (Orgs.) Linguística da Internet. São Paulo: Contexto, 2013.

SILVA, E. C. M. Letramentos e gêneros do discurso no ensino fundamental. In: SILVA, K. A; ARAÚJO, J. (Orgs.) Letramentos, Discursos midiáticos e Identidades: novas perspectivas. Campinas, SP: Pontes Editores, 2015.

SOUZA, L. M. T. M. O professor de inglês e os letramentos no século XXI: métodos ou ética? In: JORDÃO, C. M.; MARTINEZ, J. Z.; HALU, R. C. (Org.). Formação “desformatada”: práticas com professores de língua inglesa. Campinas: Pontes Editores, 2011. p. 279-303.

TAGATA, W. M. Letramento crítico, ética e ensino de língua inglesa no século XXI: por um diálogo entre culturas. RBLA, Belo Horizonte, v. 17, n.3, p. 379-403, 2017.

VILAÇA, M. L. C. Tecnologias e Livros Didáticos de Línguas: Novas Possibilidades, Novos Desafios. Cadernos do CNLF (CiFEFil), Rio de Janeiro, v. XVI, p. 1202-1210, 2012.

XAVIER, A. C. dos S. Letramento digital: impactos das tecnologias na aprendizagem da Geração Y. Calidoscópico (UNISINOS), v. 9, p. 1-16, 2011.

ⁱ Doutoranda em Humanidades, Culturas e Artes pela Universidade do Grande Rio, com bolsa financiada pela CAPES. Mestre em Letras e Ciências Humanas pela Universidade do Grande Rio. Participante do Grupo de Pesquisa Linguística Aplicada, Tecnologias e Educação - LATED.

ⁱⁱ Professor do Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Culturas e Artes da UNIGRANRIO. Jovem Cientista do Nosso Estado da FAPERJ. Bolsista de Produtividade em Pesquisa 1A (FUNADESP/UNIGRANRIO)